



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 16 – Ano VIII – 10/2019  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **Da escola moral à sua desnaturalização: quando a teoria social encontra a educação**

Profª. MSc. Sara Esther Dias Zarucki Tabac  
Mestre em Ciências Sociais- PUC/RJ – Brasil  
Discente do Programa de Doutorado em Ciências Sociais - PPCIS  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ  
Bolsista CAPES - UERJ/PPCIS  
<http://lattes.cnpq.br/4901773895168381>  
E-mail: [sara.zarucki@gmail.com](mailto:sara.zarucki@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo propõe uma reflexão acerca da teoria social de dois sociólogos: Émile Durkheim e Pierre Bourdieu. Ambos têm influência não somente no campo das ciências sociais quanto no da educação. Para entendermos a teoria social no campo da educação, se faz necessária a leitura desses dois autores, considerados entre os “clássicos” dessa área. Durkheim é visto como o fundador de uma sociologia da educação, tendo em vista ter sido o primeiro sociólogo a entender a educação como um fenômeno social e não individual. Apresentando uma sociologia estruturalista, Durkheim compreende o fato social como a grande chave analítica que percorre sua teoria e perpassa a educação. A minha questão neste trabalho é compreender qual é a base da teoria social utilizada tanto por Durkheim quanto por Bourdieu para compreender a educação como um fenômeno social.

**Palavras-chave:** teoria social, sociologia da educação, Pierre Bourdieu e Emile Durkheim.

## **1. Introdução**

Este trabalho propõe uma reflexão acerca da teoria social de dois sociólogos: Émile Durkheim e Pierre Bourdieu. Ambos têm influência não somente no campo das ciências sociais quanto no da educação. Para entendermos a teoria social no campo da educação, se faz necessária a leitura desses dois autores, considerados entre os “clássicos” dessa área. Durkheim é visto como o fundador de uma sociologia da educação, tendo em vista ter sido o primeiro sociólogo a entender a educação como um fenômeno social e não individual. Apresentando uma sociologia estruturalista, Durkheim compreende o fato social como a grande chave analítica que percorre sua teoria e perpassa a educação. A minha questão neste trabalho é compreender qual é a base da teoria social utilizada tanto por Durkheim quanto por Bourdieu para compreender a educação como um fenômeno social.

Ressalto não somente os meandros de suas teorias no campo educacional, como pretendo entrelaçar as questões de proximidades e distanciamentos entre os dois autores. A clássica discussão sociológica acerca da agência e estrutura, reprodução e desigualdade vão atravessar este trabalho e com certeza trazer contribuições que vão ser destacadas ao longo do texto.

## **2. A educação para Émile Durkheim: o papel socializador**

O “fato social” é a grande chave analítica de Émile Durkheim (1858-1917). Em sua teoria sociológica, ele é utilizado como um instrumento para análise dos fenômenos sociais. As sociedades, e também os fenômenos naturais, são regulados por leis que são exteriores aos indivíduos e se impõem a eles. Na definição do autor, o fato social é: “toda maneira de agir, fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior”. (DURKHEIM, 1987, p.11)

Essa coerção exterior ao indivíduo é a base da sociologia durkheimiana e ela também é usada como estrutura para análise de sua teoria sobre a educação.

Steven Lukes (1973), um dos maiores conhecedores da obra de Durkheim, ao analisá-lo diz que o autor entendeu a educação como um meio pelo qual a sociedade perpetua e reconstrói as condições de sua existência, sendo assim uma

sistemática socialização das novas gerações. A educação moral está englobada nesse processo, pois seria o fio condutor para a manutenção das sociedades. Essa internalização das normas, valores, regras e conteúdo, que segundo o autor deve passar de geração para geração, é constituída em seu formato exterior pelo fato social, por isso, a educação pode ser compreendida como um fenômeno sociológico.

Maria de Lourdes Rangel Tura (2004), ao discutir a importância da sociologia de Durkheim para a educação, é categórica ao afirmar que, para o autor, mesmo nas sociedades mais simples se instituíram práticas educativas para transmitir às crianças e aos jovens esses conhecimentos adquiridos. Assim, a educação seria um fenômeno variável de acordo com o tempo e com o meio no qual está inserida. “Na visão durkheimiana, o ser humano se constitui progressivamente no interior de organizações sociais, e povos da mesma espécie possuem sistemas de educação comparáveis.” (TURA, 2004, p. 48)

Tura (2004) reforça que, para Durkheim, as práticas educativas não podem ser entendidas como isoladas de outras práticas sociais, pois, mesmo possuindo uma certa autonomia, elas fazem parte de um todo com o qual se integram na construção de um bem comum. A educação para Durkheim é uma instituição social com regras claras e socialmente compartilhadas e principalmente com deveres e direitos daqueles que dela se beneficiam. A estrutura social é a matriz definidora e, por isso, todo o sistema educativo é um produto histórico que reflete essas ações. Por isso qualquer mudança no campo da educação irá ocorrer no seio de outras transformações na própria estrutura da sociedade. Mesmo o campo da educação fazendo parte da própria estrutura social, para Durkheim, a educação varia de acordo com as classes sociais.

Embora haja essa distinção entre as classes sociais, há em toda sociedade uma base comum de ideias e práticas sobre que a educação deve estar presente na vida de todas as crianças. Esse é sem dúvidas o grande ponto de defesa do autor. No livro “Divisão do Trabalho Social” (1977) o autor já incorporava essa perspectiva no âmbito da solidariedade orgânica e a mecânica. A necessidade de uma base de ideias e práticas comuns para a manutenção da sociedade, mesmo com o avanço no processo de especialização, faz-se necessária na sociologia de Durkheim. Como essa base comum se instauraria na sociedade? Passa pela educação e mais especificamente pela educação moral.

Tura (2004) afirma que, na visão durkheimiana, a sociedade precisa que entre os seus membros exista um certo grau de homogeneidade e de similitudes que são essenciais à vida coletiva. Essa base comum é o que Durkheim chama de “espírito nacional” e precisa ser passado para as crianças na formação de futuros cidadãos.

Ainda segundo a autora, os fins da educação para Durkheim variam com os estados sociais, com as diversas espécies de sociedade e seu momento histórico. A coletividade é a responsável por impor os fins da ação educativa, pois exerce sobre os educadores uma pressão moral no sentido de desenvolver nos educandos as qualidades comuns essenciais para o grupo social ao qual pertencem. Um dos grandes pontos chave na discussão de Durkheim diz respeito aos fins primordiais da educação. A base está na manutenção do que é comum à coletividade e na produção e continuidade de mecanismos que possibilitem garantir a sustentação de estruturas sociais a fim de garantir as condições sociais de existência da própria sociedade. “Por isso, a prática pedagógica deve buscar a integração dos indivíduos na organização social e sua disponibilidade para responder às expectativas dos diferentes meios sociais com os quais irá conviver” (TURA, 2004, p. 52). Nesse sentido, a educação se torna um elemento não somente reprodutor de uma ordem social, mas também integrador do homem com o social.

Durkheim afirma que o indivíduo nasce com uma “tabula rasa” e cabe à sociedade, no caso mais específico, cabe à educação construir, portanto uma natureza moral e social para que com seu grupo, compartilhe crenças, práticas pertencentes ao seu grupo.

A educação, de acordo com a concepção durkheimiana, realiza a “socialização metódica”, assim definida porque está institucionalizada, tem objetivos próprios e funções sociais bem definidas, o que inclui controlar e limitar o desenvolvimento humano, assim como decidir sobre as coisas mais imediatas como a seleção de conteúdos para o ensino” (TURA, 2004, p. 52).

A ordem moral é para Durkheim um fato social exterior ao indivíduo e tem a função de regulação social. Tura (2004) lembra que, como fato social, as necessidades morais estão vinculadas a uma determinada ordem social, por isso não se pode falar de uma moral única e universal, mas em diferentes sistemas morais no interior de diferentes espécies de sociedade, dando a essa afirmação um sentido histórico. Tais sistemas representam grande importância para a integração

social, pois envolvem regras preestabelecidas e fixadas em torno das quais se moldam todas as ações; por isso, eles se impõem como um dever.

Na mesma linha, a autora afirma que a função social da moral é, pois, essencialmente regular à conduta humana, dando limites aos desejos e às paixões. Para o indivíduo, é cada vez mais difícil encontrar esses limites e, por isso, é necessário que venha de uma força exterior. Durkheim é um sociólogo do consenso e entende que as saídas para os conflitos sociais envolvem, portanto, um esforço para a busca de uma harmonia social. “A educação moral é, então, a forma de conferir ao cidadão o gosto pela vida em coletividade, de criar o costume de pensar em agir em comunhão com os seus concidadãos” (TURA, 2004, p. 56)

Durkheim inaugura, como sociólogo e, assim, como parte integrante de sua teoria social, a compreensão da educação como fato social a ser analisado, não pela ótica individual, mas sim pela coletiva. Para isso, ele vai além de Kant ao dizer que “o objetivo da educação é desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição da qual ele é capaz” (DURKHEIM, 2011, p. 44). Ele discute essa afirmação mostrando que a educação se desenvolve em cada indivíduo de maneira diferente, possui funções distintas e cada um compreende a educação à sua maneira. Mesmo reforçando esse ponto, Durkheim é preciso ao perceber que, mesmo com essa especialização, não podemos excluir uma certa base comum e funções orgânicas “sem a qual a saúde do indivíduo, bem como a coesão social, estariam comprometidas.” (DURKHEIM, 2011, p. 45)

Na contramão das ideias que pressupõem que existe uma educação ideal, perfeita e universal, Durkheim é enfático ao dizer que a educação variou muito de acordo com os tempos e os países e mais do que esse tipo de classificação, devemos compreender a educação com algo que se impõe, de forma externa aos indivíduos com uma força surpreendente. “Não adianta crer que podemos educar os nossos filhos como quisermos. Há costumes aos quais somos obrigados a nos conformar” (DURKHEIM, 2011, p.,48). Em qualquer época, existe um tipo regular de educação; não fomos nós, indivíduos, que inventamos os costumes e ideias que determinam isso. É um processo histórico que foi se construindo e esteve alinhado aos outros sistemas, como a religião, a política e até as ciências. Durkheim entende que devemos compreender a educação como um sistema vivo, dependente de outros, que possuem cada um uma função diferente dentro da sociedade. Para que

haja educação, é preciso que uma geração de adultos e uma de jovens se encontrem para que haja uma ação exercida pelos primeiros sobre os segundos. Mesmo a partir dessa interação, não podemos esperar um sistema de educação universal. Ele é múltiplo e singular. Durkheim desenvolve com mais precisão a razão pela qual ele entende que não podemos compreender a educação como um processo único para todos. “A cidade não é igual ao campo, a do burguês não é igual à do operário” (DURKHEIM, 2011, p.50).

Mesmo com o processo de especialização, com o processo cada vez maior da divisão do trabalho, cada profissão constitui conhecimentos específicos e necessários para o desenvolver de cada habilidade. Esse processo faz parte do processo histórico das sociedades e de cada educação específica, mas não podemos compreendê-las como a educação toda. “Todas elas repousam sobre uma base comum” (Op. Cit. P..51) Aí está presente o caráter social da educação, entendendo como um processo de socialização que aos poucos auxilia na construção de um ser que se antes era egoísta e associal; hoje ele é capaz de levar uma vida moral e social. “A cada nova geração, a sociedade se encontra em presença de uma tábula quase rasa sobre a qual ela deveria construir novamente” (p. 55)

O homem só é homem porque vive em sociedade e por isso ele próprio tem interesses nessa submissão na qual a sociedade modela os indivíduos de acordo com sua necessidade. A moral perpassa essa relação sendo ela também fundamental para a vida em comum. “Foi a sociedade que instituiu nas nossas consciências todo o sistema de representação que alimenta em nós a ideia da regra e da disciplina” (DURKHEIM, 2011, p. 59).

Sob essa ótica, conseguimos identificar os pontos principais da discussão de Durkheim no âmbito educacional. Considerado um estruturalista e funcionalista, o autor pontua claramente o papel da educação como “cimento” para a perpetuação da sociedade. Bourdieu busca ir além dessas questões e observa outros elementos importantes para uma análise mais detalhista sobre o papel da educação na sociedade e, mais do que isso, ele compreende sua função como reprodutora da desigualdade.

### **3. A teoria social de Pierre Bourdieu na educação: escapando da neutralidade.**

Quando escolhemos o âmbito da educação como recorte, Pierre Bourdieu se destaca não somente pelo amplo trabalho já consagrado na área, mas também pela atualidade de seu legado no meio acadêmico. Sua grande chave interpretativa envolve analisar a educação sob dois âmbitos: o da reprodução e da dominação.

Bourdieu é influenciado pelas grandes tradições sociológicas, dentre elas Marx, Durkheim e Weber. Podemos perceber em seu trabalho nuances claras de cada autor. O intuito nesse trabalho não é apenas trazer questões atinentes a cada autor, mas sim, esmiuçar a teoria da reprodução de Bourdieu e abrir um caminho para uma discussão com Durkheim no âmbito educacional.

No campo da educação, sua mais famosa obra “A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino” de 1975 é uma grande contribuição dentro da discussão acerca da reprodução e da estrutura das relações entre os agentes sociais. Esse é um amplo debate no campo da sociologia da educação. Maria Alice Nogueira (2002) apresenta ser esta uma questão até para o próprio Bourdieu, que em todo momento buscou a superação dessa oposição entre o subjetivismo e objetivismo. Em diversos momentos ele se restringe à experiência do ator individual focando em suas experiências e escolhas, mas não deixa de lado as condições objetivas que contribuiriam para o curso, o “norte” do mundo social no qual esse indivíduo está inserido. “O indivíduo de Bourdieu é um ator socialmente configurado em seus mínimos detalhes. Os gostos mais íntimos, as posturas corporais, a fala e aspirações profissionais, tudo seria socialmente constituído” (NOGUEIRA, 2002, p.19)

O *habitus* acaba se tornando para Bourdieu o grande mediador, ou melhor o sintetizador dessa relação entre o subjetivismo e o objetivismo. A ação das estruturas no comportamento ocorre de dentro pra fora. São disposições que não seriam normas rígidas e detalhadas de ação, mas princípios de orientação que precisariam ser adaptados pelo sujeito às variadas circunstâncias de ação.

Quatro anos antes de “A reprodução”, Bourdieu escreve o artigo “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura” (1998) no qual já se

debruçava sobre o tema da reprodução cultural e conservação social. Será esse artigo em que iremos nos debruçar e que servirá de norte nesse trabalho.

Quando analisa os fenômenos educacionais, foco desse trabalho, Bourdieu evita tanto o objetivismo quanto o subjetivismo. Nogueira (2002) afirma que o capital cultural constitui o elemento da bagagem familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar. Interessante esse ponto do autor, pois ele enfrenta toda uma discussão na qual o âmbito econômico seria o grande definidor da trajetória escolar. A autora reforça essa concepção. “A posse do capital cultural favoreceria o êxito escolar, em segundo lugar, porque propiciaria um melhor desempenho nos processos formais e informais de avaliação” (NOGUEIRA, 2002, p. 21)

Segundo Bourdieu (1998), se pensarmos seguindo a lógica da “escola libertadora”, continuaremos a pensar a escola como um fator de mobilidade social quando, ao contrário, temos que compreendê-la como um dos fatores mais eficazes de conservação social. Ao oferecer uma aparência de legitimidade às desigualdades sociais, ela transforma o dom social em dom natural.

A partir dessa perspectiva, está o que consideramos uma das maiores contribuições de Bourdieu à educação: a desnaturalização do mérito. A escola não é e não será um espaço neutro de formação. Os mecanismos de eliminação agem durante toda a formação do sujeito. Nessa passagem, ele destaca o ensino superior: “Ora, vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais” (BOURDIEU, 1998, p.41)

As instituições de ensino mais conceituadas possuem também um recrutamento denominado pelo autor de “aristocrático”. É necessário descrever os mecanismos que eliminam continuamente as crianças menos favorecidas. Nesse texto ele já trabalha com a importância do que ele chama ser o “privilégio cultural”. São essas as relações ou recomendações de ajuda no trabalho escolar, ensino ou até mesmo informações que cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas:

“Um certo capital cultura e um certo *ethos* sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das

crianças diante da experiência escolar, e conseqüentemente, pelas taxas de êxito” (BOURDIEU, 1998, p.42).

Nessa passagem está clara a influência do capital cultural e seus impactos no êxito escolar da criança. Nesse sentido, Bourdieu é enfático ao dizer que a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase que exclusivamente cultural. As diferenças entre as taxas de sucesso escolar em meio aos que têm pais graduados são mais nítidas quanto mais alto nível a pessoa alcança em sua trajetória escolar. As vantagens ou desvantagens culturais estão ligadas aos seus conhecimentos. Neste sentido, o autor destaca o teatro, a música, o jazz e inclusive o cinema como exemplos de bens culturais. O nível cultural familiar acaba se tornando, junto com outras variáveis, uma grande fonte de êxito escolar.

O manejo da língua também é um instrumento que deve ser agregado a essa análise do que o autor chama de “multivariada”. Precisa levar em consideração não somente o nível cultural da família, como já dito anteriormente, mas o ramo do curso secundário, o tipo de estabelecimento e inclusive características demográficas que, aliados à própria desigualdade inerente do sistema, permitem a realização de uma estimativa precisa sobre as esperanças da vida escolar desse sujeito.

Da mesma forma que os jovens das camadas superiores se distinguem por diferenças que podem estar ligadas a diferenças de condição social, também os filhos das classes populares que chegam até o ensino superior parecem pertencer a famílias que diferem da média de sua categoria, tanto por seu nível cultural global como por seu tamanho: dado que, como se viu, as chances objetivas de chegar ao ensino superior são quarenta vezes mais fortes para um jovem de camada superior que para um filho de operário. (BOURDIEU, 1998, p. 44)

O nível de instrução dos membros da família ou até a própria residência permitem situar o nível cultural de cada família, mas não nos informa sobre a herança que as famílias mais cultas transmitem a seus filhos e a maneira pela qual isso acontece. O que Bourdieu chama de desigualdades de informações são dados importantes que auxiliam na compreensão desse cenário. São dados sobre o funcionamento dos liceus, sobre as carreiras, sobre as orientações e sobre o funcionamento do sistema universitário.

As crianças oriundas dos meios mais favorecidos não devem ao seu meio somente os hábitos e treinamento diretamente nas tarefas escolares, e a vantagem mais importante não é somente a oriunda dos pais. Elas herdaram os saberes, gostos e “bom gosto” cuja rentabilidade escolar é tanto maior quanto mais frequentemente esses imponderáveis da atitude são atribuídos ao dom. (BOURDIEU, 1998, p.45).

As estruturas de oportunidades de ascensão social pela escola contribuem para definir as oportunidades, suas normas e nela assim obter êxito. Essas oportunidades apreendidas e interiorizadas. Esse processo da interiorização do futuro objetivo que se impõe progressivamente a todos os membros de uma mesma classe através da experiência de sucessos e derrotas é a grande questão norteadora de Bourdieu quando se pensa na influência do grupo social sobre o indivíduo, grupo esse homogêneo em relação à classe e origem social. “O capital cultural e o ethos, ao se combinarem, concorrem para definir as condutas escolares e as atitudes diante da escola, que constituem o princípio de eliminação diferencial das crianças das diferentes classes sociais” (BOURDIEU, 1998, p. 50)

O princípio geral que conduz à superseleção das crianças das classes populares e médias se dá porque, por falta de capital cultural, elas têm menos oportunidades que as outras de demonstrar um êxito excepcional para poderem chegar ao ensino secundário. As vantagens e desvantagens são cumulativas devido às escolhas e seus destinos escolares. Em uma famosa passagem do autor ele diz: “Em síntese, as cartas são jogadas muito cedo” (BOURDIEU, 1998, p.52)

Qual é a responsabilidade da escola na perpetuação das desigualdades educacionais? Essa é a questão trazida por Bourdieu pois devemos perceber que toda essa igualdade formal que aparece no sistema escolar é injusta e mesmo nas sociedades que julgam serem democráticas, o sistema escolar protege e perpetua os privilégios.

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os menos desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais” (Bourdieu, 1998, p. 53)

A igualdade formal é o discurso presente, mas que acaba mascarando e justificando as reais desigualdades diante do ensino e da cultura. No ensino superior, os estudantes originários das classes populares e médias serão julgados de acordo com as classes privilegiadas. Não há indício de pertencimento social, nem mesmo a postura corporal ou a indumentária. O estilo ou até mesmo o sotaque contribuem para orientar o julgamento dos professores.

O professor que, ao julgar aparentemente “dons inatos”, mede, pelos critérios do ethos da elite cultivada, condutas inspiradas por um ethos ascético do trabalho executado laboriosa e dificilmente, opõe dois tipos de relação com a cultura à qual indivíduos de meios sociais diferentes estão desigualmente destinados desde o nascimento” (BOURDIEU, 1998, p.55)

É uma cultura aristocrática que o sistema de ensino transmite e exige. Parece que está lidando com os próprios herdeiros. A linguagem é a parte mais inatingível e mais atuante da herança cultural, pois ela fornece um sistema completo de postura e valores e domina toda a experiência do sujeito. A linguagem universitária acaba sendo muito desigualmente distante da língua efetivamente falada pelas diferentes classes sociais, alcançando assim um outro nível de distanciamento.

O sistema escolar pode por sua lógica, servir à perpetuação dos privilégios culturais sem que os privilegiados tenham de se servir dele. Conferindo às desigualdades culturais uma sanção formalmente conforme aos ideais democráticos, ela fornece a melhor justificativa para essas desigualdades. (BOURDIEU, 1998, p.59)

A escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo que as legitima. Ela aparece ser neutra e justifica as aptidões como “dons” e “mérito” como naturais e acaba transformando as diferenças econômicas e sociais em “distinção de qualidade” e legitima assim a herança cultural.

Quando alguns indivíduos conseguem o sucesso escolar, esse sistema acaba por se legitimar e valorizar a escola que proporcionou isso.

#### **4. Conclusões / Aproximações e distanciamentos entre Durkheim e Bourdieu.**

As percepções acerca do processo educacional estão presentes em ambos os autores. Nesse momento, julgamos de grande importância levantarmos questões em aberto e que merecem destaque em uma futura pesquisa. Tanto Durkheim quanto Bourdieu organizam suas teorias tendo a “estrutura”, ou melhor o “sistema” como um elemento base e de grande peso em suas análises. A influência de Durkheim na obra de Bourdieu nos abre caminhos para compreendermos toda uma teoria sociológica francesa que perpetua e influencia até hoje.

Tendo esse pano de fundo, retomemos a questão central, no debate sobre subjetivismo e objetivismo: qual é autonomia do sujeito em Durkheim? Para ele os atores possuem pouca ou até nenhuma autonomia, estão ali influenciados a todo momento pelas determinações sociais. A escola serviria, portanto, como um instrumento para reforçar ainda mais esses laços e posicionar o sujeito em seu lugar social. Bourdieu, por outro lado, compreende essa posição do sujeito, mas foca em seu caráter reprodutor. Os sujeitos sociais, assim como para Durkheim, estão sim, posicionados em uma determinada estrutura social, mas são reprodutores da estrutura ali presente. A escola, portanto, é um forte instrumento de manutenção dessa reprodução e de legitimação de uma violência simbólica já consagrada.

No momento em que Bourdieu constrói seu modelo tendo como perspectiva que as desigualdades de sucesso escolar estariam assim atribuídas a “desigualdades culturais” ele atribui um peso importante aos saberes culturais adquiridos pelo meio familiar para determinar as chances do estudante de obter êxito. Essa perspectiva o distancia de outros autores que consideram essencialmente, e alguns quase que exclusivamente, o âmbito econômico como determinante dessa desigualdade. Durkheim não entra nessa discussão mais microsocial sobre as razões da desigualdade, pois para ele a própria divisão do trabalho social já é um instrumento de diferenciação dentro da própria sociedade. Quanto mais especializada a sociedade for, mais necessária a educação e, inclusive, mais precisamente, a educação moral se torna instrumento necessário para uma coesão social.

## 5. Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre. *A escola conservadora: as desigualdades frente à cultura em* Nogueira, MA, 1998.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude; DA SILVA, C. Perdigão Gomes. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 1975.
- CATANI, Afrânio Mendes; CATANI, Denice Bárbara; PEREIRA, GR de M. *Pierre Bourdieu: as leituras de sua obra no campo educacional brasileiro*. Sociologia para educadores. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Petrópolis: Vozes. 2011.
- \_\_\_\_\_. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- \_\_\_\_\_. *As regras do método sociológico*. 13. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. *A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições*. Educação & Sociedade, v. 23, n. 78, p. 15-36, 2002.
- LUKES, Steven. *Emile Durkheim, his life and work: a historical and critical study*. Stanford University Press, 1973.
- TURA, Maria de Lourdes Rangel; SOUZA, Maria Inês M. *Durkheim e a Educação*. Sociologia para educadores, v. 1. 2004.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 10/2019

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

[www.facebook.com/revistavozesdosvales](https://www.facebook.com/revistavozesdosvales)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424